



LIBERDADE EM CRISTO

Meditemos na liberdade com que o Cristo nos libertou das algemas da ignorância e da crueldade.

Não lhe enxergamos qualquer traço de rebeldia em momento algum.

Através de todas as circunstâncias, sem perder o dinamismo da própria fé, submete-se, valoroso, ao arbítrio de nosso Pai.

Começa a Missão Divina, descendo da Glória Celestial para o estreito recinto da manjedoura desconhecida.

Não exhibe uma infância destacada no burgo em que se acolhe a sua equipe familiar; respira o ambiente da vida simples, não obstante a Luz Sublime com que supera o nível intelectual dos doutores de sua época.

Inicia o apostolado da Boa Nova, sem constranger as grandes inteligências a lhe aceitarem a doutrina santificante, contentando-se com a adesão dos pescadores de existência singela.

Fascinando as multidões com a sua lógica irresistível, não lhes açula qualquer impulso de reivindicação social, ensinando-as a despertar no próprio coração os valores do espírito.

Impondo-se pela grandeza única que lhe assinala a presença, acenam-lhe com uma coroa de rei, que Ele não aceita.

Observando o povo jugulado por dominadores estrangeiros, não lhe aconselha qualquer indisciplina, recomendando-lhe, ao invés disso, “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Sabe que Judas, o companheiro desditoso, surge repentinamente possuído por desvairada ambição política, firmando conchavos com perseguidores da sua Causa Sublime, contudo, não lhe promove a expulsão do círculo mais íntimo.

Não ignora que Simão Pedro traz no âmago da alma a fraqueza com que o negará diante do mundo, mas não se exaspera, por isso, e ajuda-o cada vez mais.

Ele, que limpava leprosos e sarara loucos, que restituía a visão aos cegos e o movimento aos paralíticos, não se exime à prisão e ao escárnio público, à flagelação e à cruz da morte.

Refletamos, pois, que a liberdade, segundo o Cristo, não é o abuso da faculdade de raciocinar, empreender e fazer, mas sim a felicidade de obedecer a Deus, construindo o bem de todos, ainda mesmo sobre o nosso próprio sacrifício, porque somente nessa base estamos enfim livres para atender aos desígnios do Eterno Pai, sem necessidade de sofrer o escuro domínio das arrasadoras paixões que nos encadeiam o espírito por tempo indeterminado às trevas expiatórias.

Emmanuel

Do livro: *Palavras de Vida Eterna*. CEC

Psicografia: Francisco C. Xavier

Estudo: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. II – “Meu Reino não é deste mundo”, item 4.

A REALEZA DE JESUS

4. O reino de Jesus não é deste mundo, é o que todos compreendem; mas sobre a Terra ele não terá também um reino? O título de rei nem sempre implica o exercício de um poder passageiro; ele é dado por concordância unânime àquele cujo gênio o coloca em primeiro lugar numa ordem de ideias qualquer, que domina seu século, e influi no progresso da humanidade. É nesse sentido que se diz: o rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores, etc. Essa realeza, nascida do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não tem, muitas vezes, uma preponderância bem maior do que aquela que conduz à coroa? Ela é imorredoura, enquanto que a outra é o brinquedo das vicissitudes; ela sempre é bendita pelas gerações futuras enquanto que a outra, muitas vezes, é amaldiçoada. A realeza terrestre acaba juntamente com a vida; a realeza moral continua governando, principalmente após a morte. Sob esse aspecto, Jesus não é um rei muito mais poderoso do que muitos soberanos? Portanto, foi com razão que Jesus disse a Pilatos: “Eu sou rei, mas meu reino não é deste mundo”.